8

Considerações Finais

8.1.

Introdução

O primeiro capítulo deu um enfoque histórico ao nascimento do ônibus, e ao respectivo nascimento do motorista de ônibus. O segundo capítulo abordou as questões físicas e ambientais, enquanto o capítulo três abordou a carga mental. O capítulo quatro delineou a pesquisa e o cinco demonstrou os métodos usados. O capítulo seis apresentou os resultados da pesquisa e neste último capítulo faremos a conclusão da pesquisa.

8.2. Achados da pesquisa

O questionário de perguntas abertas e fechadas mostrou que quase a totalidade dos entrevistados gosta do seu trabalho, e os questionários de carga mental tiveram resultados satisfatórios no sentido de que os motoristas sentem pouco esta carga. Somente a carga física foi percebida nos questionários, na avaliação física e na avaliação de carga mental.

Powers & Russel (1993) confirmam o resultado quando afirmam que o fato de uma pessoa realizar um trabalho do qual ela realmente goste faz com que ela cresça e contribui muito para a sua qualidade de vida geral.

O trabalho pode produzir, de alguma forma, um certo grau de satisfação nas pessoas, mesmo sendo desfavorável, bem como pode propiciar equilíbrio mental e saúde (Moreira, 2000). Para Dejours (1997) *apud* Moreira (2000), o trabalho inclusive pode conferir ao organismo "*uma resistência maior contra a fadiga e a doença, contra os tóxicos industriais, os vírus e as condições climáticas*" (p. 132).

Na relação existente entre saúde/doença e trabalho, Dejours (1992) afirma que:

"O trabalho nem sempre aparece, como tendíamos a considerar há dez anos nas pesquisas de Psicopatologia do Trabalho, como uma fonte de doença ou de infelicidade; ao contrário, ele é às vezes operador de saúde e de prazer. (...) o trabalho nunca é neutro em relação à saúde, e favorece seja a doença, seja a saúde" (p.13).

"Desta forma, podemos vislumbrar mais um elemento do trabalho: a sua não neutralidade em relação à vida e à saúde das pessoas. E aí está, novamente, a sua dialética: ao mesmo tempo em que oprime, liberta; produz saúde e doença; é fonte de prazer e de angústia" (Moreira, 2000).

Ao levantarmos a hipótese de que os motoristas de ônibus têm uma alta carga mental e que juntamente com a má-postura acarretaria em dor física foi confirmada em parte. O estresse e a fadiga são sintomas que não despertaram nos motoristas entrevistados porque o sentimento de gostar do seu ofício se sobrepõe a tudo o mais. Somente a carga física demasiada não permite que eles esqueçam que o seu trabalho é deveras desgastante.

A pesquisa foi muito rica. Ao levantar a hipótese da carga mental associada à carga física, o objetivo era fundir uma na outra, ou melhor: comprovar que a mente comanda o corpo. E essa hipótese foi confirmada afinal, o motorista tem um sentimento positivo pelo seu trabalho, e esse sentimento

comanda sua mente e impede que ele fique estressado, com raiva, com depressão. A dor física sentida pelos motoristas de ônibus é tão somente causada pelo corpo, que responde aos excessos.

Os problemas físicos causados pelos anos na profissão ficaram provados, pois percebeu-se que quanto mais tempo na profissão, mais alterações posturais estes indivíduos têm.

Cabem aos profissionais com conhecimento em Ergonomia a elaboração, diante dos problemas apresentados, de um posto de trabalho que minimize os efeitos causados pelos movimentos repetitivos, pela vibração e pela postura estática. Há a necessidade de repensar as questões tecnológicas envolvidas e de levar em conta o motorista e suas tarefas no momento do projeto.

8.3. Recomendações

O trabalho do motorista não pode parar. Se ele sentir fome, sede ou vontade de ir ao banheiro, ele terá que esperar, dependendo de onde ele esteja e do trânsito que ele pegue, até duas horas para chegar ao ponto final e poder então saciar sua vontade, ou necessidade. Um banheiro químico nos pontos finais seria de grande ajuda, pois facilitaria o acesso, devido ao curto espaço de tempo. A burocracia impede que isso aconteça: a prefeitura veta, os vizinhos reclamam, mas enfim, fica a sugestão.

O aumento do número de veículos com ar-condicionado vem crescendo aqui no Rio de Janeiro, o que melhora a qualidade de vida no trabalho dos motoristas, diminuindo as queixas sobre o calor.

A Fisioterapia preventiva é a melhor opção para impedir que o funcionário adquira posturas viciadas. Os exercícios laborais são uma alternativa para evitar problemas futuros e ao mesmo tempo curar os funcionários que já estão com problemas. Nos casos mais graves, devem-se usar as técnicas da fisioterapia curativa, a fim de minimizar a dor e tratar a patologia já instalada.

O Design tem o papel fundamental de ajudar a tornar a vida dos motoristas melhor, como já vem fazendo, projetando um posto de trabalho que permita ao motorista realizar suas tarefas em uma postura mais ereta. Além disso, o profissional de Design deve também ocupar-se dos projetos de outros sistemas e dispositivos (como tapa-sol, uniformes, sapatos) que, aliados ao projeto do ônibus, permitam um melhor desempenho e minimização dos custos físicos destes motoristas.

O fisioterapeuta, o designer e outros profissionais que conheçam a Ergonomia podem, juntos, estudar formas de tornar a relação humano-máquina menos traumática possível.

8.4. Desdobramentos da pesquisa

Como a pesquisa foi feita somente com funcionários de uma empresa, seria interessante uma pesquisa que ouvisse a voz de motoristas de outras empresas, a fim de confirmar se os sentimentos em relação ao trabalho são os mesmos.

Talvez a oitiva dos motoristas feita fora do seu ambiente de trabalho (o que torna a pesquisa mais difícil de ser realizada) mostre resultados diferentes dos encontrados neste estudo.

Cabe ainda aprofundar o estudo em relação à coluna vertebral dos motoristas de ônibus, com o objetivo de descobrir as causas das retificações. A postura sentada leva a diminuição das curvaturas da coluna vertebral?

Uma pesquisa que avaliasse as respostas dos exercícios laborais nos motoristas de ônibus seria de grande valia para comprovar esta discussão.

A problemática de hoje tem sido o acúmulo de funções de alguns motoristas, que tem que dirigir e receber o dinheiro da passagem. Estes profissionais não foram matéria deste estudo, mas o que foi percebido durante os contatos feitos é que eles não estão gostando desta nova função imposta. Funcionário insatisfeito tem sua carga mental aumentada?

O profissional do Design pode se perguntar: Se o volante fosse menor diminuiria a tensão no ombro direito do motorista de ônibus? E quem sabe criar um adaptador ao câmbio que permita que ele fique mais perto da mão do motorista.

A criatividade é ilimitada principalmente quando temos um problema real a frente. Cabe à inventividade dos designers promover um posto de trabalho dos motoristas de ônibus mais ergonômico.

8.5. Lições aprendidas

A dissertação chegou ao fim. Um misto de alívio e tristeza pairam em mim. Um mundo se descortinou quando fui aprovada no mestrado. Um mundo de artigos, teses, dissertações de todos os lugares, em inglês, francês, espanhol. Fiquei tão extasiada com todas as informações que eu obtinha que ia imprimindo e guardando com medo de perdê-las. Hoje estou perdida em minha casa, no meio de tantos papéis!

O conhecimento sempre me fascinou. Quando fiz minha primeira faculdade, minha maior preocupação era de que não conseguisse terminar por falta de dinheiro. Mas enfim, terminei a primeira, fiz a segunda, fiz especialização, e agora um mestrado! Durante um ano e meio pude me dedicar inteiramente ao mestrado, ir até Jacarepaguá fazer as avaliações, ir até os pontos finais, ficar horas no computador buscando artigos sobre o assunto, enfim, fazer uma dissertação exige tempo e disposição, e eu tinha as duas coisas. Desde julho de 2005 comecei a trabalhar, mas já tinha feito toda a parte em campo. Aí, defini que os sábados seriam de minha família, e os domingos da minha dissertação. E assim foram meus finais de semana.

Agora, no final, lembro das dificuldades em realizar o trabalho com os motoristas, dos fiscais que sempre atrapalhavam, mas lembro também do dono da empresa que em nenhum momento teve medo das respostas dos seus empregados, e que me abriu todas as portas de sua empresa, demonstrando a transparência do seu trabalho. Lembro-me também do médico da empresa que permitiu que as avaliações fossem feitas em seu consultório, e vejo que até as dificuldades foram importantes para testar minha persistência e minha paciência!

Agora, quem sabe um doutorado? A única certeza que tenho é a de que tudo o que aprendi nada nem ninguém pode me tirar.

8.6. Reflexões finais

A Constituição Federal assegura ao trabalhador condições mínimas de saúde no trabalho, mas é preciso que ele tenha ciência das conseqüências que o seu trabalho lhe impõe e cobre melhores condições do seu empregador e do governo.